

“E aclarem meu entendimento” sobre o Martín Fierro segundo Jorge Luis Borges¹

*“Y aclaren mi entendimiento” sobre el Martín Fierro según Jorge Luis
Borges*

*"And clarify my understanding" about Martín Fierro according to Jorge
Luis Borges*

Maria Soledad Lemos Baladan²

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise sobre o ensaio de Jorge Luis Borges *El Martín Fierro* (2008), o objetivo é destacar a interpretação que o autor transparece sobre a obra *Martín Fierro* (1872 – 1879) de José Hernández. O ensaio está composto por quatro capítulos; o primeiro realiza uma síntese biográfica sobre Jorge Luis Borges e sua produção literária, também, ressalta sua importância como pensador do século XX. O segundo capítulo aborda a vida de José Hernández e sua obra com o fim de exibir uma leitura de sua obra dissociada da interpretação de Borges; neste sentido, é possível considerar o caráter político do poema, como uma produção que denuncia uma situação de injustiça local e temporal do homem da campanha argentina do século XIX. No terceiro apartado se procura expor a visão de Borges sobre o *Martín Fierro* que lhe atribui à obra um valor canônico como conformadora da Literatura Gauchesca. Por último, desenvolvem-se as conclusões.

Palavras-chave: José Hernández; Jorge Luiz Borges; Literatura gauchesca; Martín Fierro.

Resumen

Este trabajo presenta un análisis sobre el ensayo de Jorge Luis Borges *El Martín Fierro* (2008), el objetivo es destacar la interpretación que el autor realiza sobre la obra *Martín Fierro* (1872 - 1879) de José Hernández. El ensayo consta de cuatro capítulos; el primero realiza una síntesis biográfica sobre Jorge Luis Borges y su producción literaria, también, resalta su importancia como pensador del siglo XX. El segundo capítulo aborda la vida de José Hernández y su obra con el fin de exhibir una lectura de su obra disociada de la interpretación de Borges; en este sentido, es posible considerar el carácter político del poema, como una producción que denuncia una situación de injusticia local y temporal del hombre de la campaña argentina del siglo XIX. En el tercer apartado se busca exponer la visión de Borges sobre el *Martín Fierro* que le atribuye a la obra un valor canónico como conformadora de la Literatura Gauchesca. Por último, se desarrollan las conclusiones.

Palabras claves: José Hernández; Jorge Luiz Borges; Literatura gauchesca; Martín Fierro.

Abstract

This paper presents an analysis of Jorge Luis Borges' essay *El Martín Fierro* (2008), the objective of it is to highlight the interpretation that the author makes about the literary work of *Martín Fierro* (1872 - 1879) by José Hernández. The essay is composed of four chapters; the first performs a biographical synthesis on Jorge Luis Borges and his literary production, also, emphasizes its importance as a thinker of the twentieth century. The second chapter deals with the life of José Hernández and his work in order to show a reading of his work dissociated from the interpretation of Borges; in this sense, it is possible to consider the political character of the poem, as a production that denounces a situation of local and temporal injustice of the man of the Argentine

¹ Histórico do artigo: O presente trabalho, de autoria de Maria Soledad Lemos Baladan, foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Campus do Vale, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; soletrasmag@gmail.com

Farm of the nineteenth century. In the third section we try to expose Borges' vision about *Martín Fierro*, who attributes to the work a canonical value as a conforming agent of Gauchesca Literature. Finally, the conclusions are developed.

Keywords: José Hernández; Jorge Luiz Borges; Gauchesca literature; Martín Fierro.

1. Introdução

O notável escritor argentino (1899 – 1986), chamado por sua mãe de George, produziu uma obra que se constitui nos gêneros de poemas, contos e ensaios. Foi galardoado com vários prêmios literários e ganhou fama mundial por seu trabalho. Sua literatura é rica na medida em que explora várias temáticas; por exemplo, pode se assinalar que na juventude Borges tende a ter um caráter mais regional, popular, que exalta a cidade de Buenos Aires, os bairros, o campo, em fim, o universo que constitui a argentina de sua época. Logo, surge uma segunda faceta do escritor que constitui uma espécie de maturidade na estética e no estilo, o segundo Borges aborda temáticas de caráter mais filosófico e metafísico, misturando sua particular forma de narrar com uma tendência fantástica. Coloca em sua ficção características que exploram o universo humano, o mistério da vida e das coisas; desafia o leitor a explorar universos que só podem ser vistos através de um fio de imaginação que permita se desprender do mundo real, concreto e cruel. Dito de outro modo, a literatura é produzida como uma interrogante sobre os mistérios do mundo, mistérios que são resolvidos pela magia do inexplicável, pelo próprio mistério que envolve a vida. Exemplos desta literatura que desafia a inteligibilidade humana são contos como *El Aleph* ou *El jardín de los senderos que se bifurcan*.

É importante destacar que Borges é um escritor que nasce numa família de classe média-alta, vive num contexto histórico conturbado, posto que o século XX esteve marcado pelas guerras, a violência o desenvolvimento, etc. Viveu a I e II Guerra Mundial e também os períodos de ditaduras, por sua vez, provem de uma família de guerreiros, seus antepassados maternos lutaram nas Guerras Civis da Argentina no século XIX. Estas peculiaridades foram fatores que marcaram sua sutil forma de ver o mundo. Em 1914, devido a um problema de saúde de seu pai com relação à visão, vai com sua família para a Europa e frente ao cenário bélico da I Guerra Mundial se instalam na Suíça (Genebra). Retornam a Buenos Aires só em 1921, fato que sem dúvida contribuiu para a formação do, ainda, jovem escritor.

Os mencionados fatos históricos adquirem relevância quando se pensa que a literatura de Borges questiona, a partir de perspectivas fantásticas, a origem do mundo, ou seu fundamento, por exemplo, *El Aleph* é uma narrativa deste tipo, em que se ressalta a

impossibilidade do homem de encontrar as leis que regem a ordem do universo; conflito frente ao qual o ser humano criou sua própria realidade e estabeleceu leis e formulas que lhe permitam chegar a questionar e conhecer o fundamento da vida. O Aleph surge como uma simultaneidade de coisas vertiginosas que se sucedem constantemente e que o protagonista não consegue comportar, devido, precisamente, a falta de capacidade de nomear as coisas numa sequencia que não seja linear. Este modo de interrogar o mundo estabelece o problema da ordem e do caos, posto que o homem busca (muitas vezes mediante a guerra – como aconteceu durante o século XX), um ordem utópico, um controle exacerbado do mundo que, justamente, por sua característica de simultaneidade, carece de organização linear.

Por outro lado, cabe ressaltar que a corrente existencialista teve lugar no século XX também, período em que se desconstrói toda possibilidade de essência do sujeito e se ressalta que o homem é antes existência do que essência, ou seja, o ser humano se constrói e constrói o mundo. Esta forma de pensar está muito presente na produção de Borges, não de modo cruel ou descarnado como surge em Camus ou Sartre, por exemplo, mas sim de forma fantástica. A estética que Borges utiliza transforma o desafio à inteligibilidade humana em (aparentemente) inofensivo, mas sua literatura questiona as bases da existência do mundo e do homem. O homem que surge em *Las ruinas circulares* (1944), por exemplo, é um ser existencialista que se constrói e que sonha outro homem que, por sua vez sonha outro, que no fim é ele mesmo. Em mais de um conto suas personagens deixam transparecer a ideia de que um homem pode ser todos, do mesmo modo em que todos os homens podem ser um só. Ao colocar esse principio em prática está se dizendo que a totalidade do mundo tem uma relação com as especificidades, com as particularidades. Nesse sentido, é possível relacionar o principio platônico de *symploké* utilizado por Gustavo Bueno, no qual, segundo afirma Jesús G. Maestro (2018), umas coisas estão relacionadas com as outras, mas não há nenhuma que esteja isolada totalmente, nem nenhuma que domine as demais de forma absoluta, ou seja, este conceito combate o relativismo absoluto e o absolutismo relativo (perdão pela redundância). Deste modo, se constitui o mundo inerente ao homem, o qual nunca está excerto de pequenos e grandes feitos; nesta perspectiva é que Borges coloca em cena de seus relatos personagens de todo tipo, entre os quais não escapam os que minam a terra argentina como gaúchos, compadritos e também figuras da historia nacional, como por exemplo, Rosas; destaca, assim, o caráter da vida humana e da literatura, posto que a literatura é uma construção humana racional (porque brota da razão humana), que se abre caminho rumo à liberdade através da luta – porque a literatura sempre se enfrenta as realidades pré-existentes – e utiliza signos do sistema linguístico com os que lhe confere um valor poético aos materiais

literários de uma dimensão fictícia – fator essencial da literatura – (MAESTRO; 2018). De tal modo, Borges ficcionaliza em sua obra personagens que vivem tanto na Argentina de seu tempo, quanto em qualquer outra parte do mundo, porque as temáticas que apresenta formam parte integrante da condição humana, o que possibilita que a leitura de sua produção literária transcenda fronteiras e não se restrinja a um único espaço geográfico, histórico ou político. Com respeito à ficção, é possível afirmar que: as ficções são as materialidades cuja existência não é operatória. A matéria da ficção é exclusivamente formal e não operatória, porque sua realidade é uma construção em que matéria e forma estão em sincretismo e resultam (mesmo que dissociáveis) inseparáveis. (MAESTRO; 2018). De modo que a ficção constitui feitos que podem ocorrer em qualquer espaço do mundo real, posto que ficção e realidade não são conceitos dialéticos, mas sim conceitos conjugados. Isto demonstra que a arte é uma produção que não se esgota na temática, mas sim em sua forma fictícia e poética; toda história merece ser contada de forma que quem a escute ou a lê não queira esquecê-la, ou seja, o que perdura é a magia comovedora com a qual a obra é plasmada. Partindo deste ponto é possível afirmar que Borges colocou em cena de suas produções literárias terrenos proliferados pela técnica poética, pela matéria fictícia e por interrogantes filosóficas humanas, aspectos que permitiram que sua literatura permanecesse matizada por vários traços estéticos que, com o passar do tempo, ganham novas interpretações.

Logo desta breve apresentação sobre Borges e sua literatura (que em nada é exaustiva com respeito à produção e a interpretação de sua obra), é pertinente ressaltar que este trabalho pretende abordar um ensaio de sua autoria, titulado *El Martín Fierro*, publicado, originalmente, em 1953. Pretende-se analisar qual é a significação que Borges lança sobre *El gaucho Martín Fierro* (1872) y *La vuelta de Martín Fierro* (1879) de Hernández como uma literatura nacional da Argentina e que forja uma identidade gauchesca.

2. José Hernández e “una pena extraordinaria”

O autor do poema *El gaucho Martín Fierro* (1872) e *La vuelta del Martín Fierro* (1879) nasce na Argentina (1834–1886), no partido de San Martín (Província de Buenos Aires) e em 1843, após o falecimento da mãe, Isabel Pueyrredón, trasladou-se junto ao seu pai Rafael Hernández, que era capataz, ao Sur da Província, e se instalaram numa zona rural. Não conseguiu frequentar por muito tempo a escola, motivo pelo qual se tornou um autodidata. A partir de 1856 passou a formar parte do *Partido Federal Reformista* e participou na redação da *Reforma Pacífica*. No ano seguinte (1957) se dirigiu ao Paraná, onde fundou o diário *El argentino*. Logo em 1868 voltou para a Argentina e inaugurou o diário *Río de la Plata* e

através deste realizou contundentes críticas as políticas de Sarmiento, motivo pelo qual, em 1879 seu periódico foi censurado. Nesse mesmo ano Hernández se uniu ao levantamento de López Jordan em *Entre Ríos* e após serem derrotados decidiu exilar-se no Brasil. Em 1872, ao voltar para a Argentina, publicou sua obra fundamental, o *Martín Fierro* e sete anos depois editou a segunda parte. Nos seguintes anos exerceu os cargos de deputado e senador da província de Buenos Aires e em 1881 escreveu *Instrucción del Estanciero*. Este conjunto de dados biográficos sobre José Hernández ajuda a entender em que cenário político foi concebido o *Martín Fierro*, (maior poema de literatura gauchesca da Argentina). Dito poema, segundo Feinmann, se apresenta como uma profunda reflexão sobre a condição humana a propósito da condição do gaúcho na campanha de Buenos Aires. O poema está direcionado desde a capital à Santa Fé, ou seja, ao interior do país.

É importante destacar que esta obra é, antes de tudo, um poema da queixa, cabe ressaltar a primeira estrofe: *Aquí me pongo a cantar/ Al compás de la viguela,/ Que el hombre que lo desvela/ Una pena extraordinaria,/ Como la ave solitaria,/ Con el cantar se consuela*. De modo que esta obra descreve o gaúcho derrotado de 1872, o gaúcho que não tem outra coisa que queixar-se porque mandam-no à fronteira a lutar contra os índios, porque lhe tiraram o trabalho frutífero de campo para o qual este tipo está preparado e porque lhe tiraram a família. Segundo afirma Hernández numa carta ao editor sobre sua obra:

Quizás la empresa habría sido para mí más fácil y de mejor éxito, si sólo me hubiera propuesto hacer reír a costa de su ignorancia, como se halla autorizado por el uso en este género de composiciones; pero mi objeto ha sido dibujar a grandes rasgos, aunque fielmente, sus costumbres, sus trabajos, sus hábitos de vida, su índole, sus vicios y sus virtudes: ese conjunto que constituye el cuadro de su fisonomía moral, y los accidentes de su existencia llena de peligros, de inquietudes, de inseguridad, de aventuras y de agitaciones constantes. (HERNÁNDEZ; p. 4).

Esta afirmação demonstra que seu propósito é narrar a vida cotidiana do gaúcho, o que significa contar sua existência miserável. Por outra parte, revela que Buenos Aires subestima este homem do campo, a classe letrada e endinheirada não enxerga no “criollo” nenhum potencial, nenhuma virtude e Hernández busca, precisamente, demonstrar que o gaúcho é portador de uma experiência enorme para o trabalho braçal e “bruto” que o campo requer. O poema demonstra que Buenos Aires maltrata este tipo social e ao maltratá-lo comete um erro grave, posto que elimina um elemento fundamental para o desenvolvimento da agricultura na Argentina. Ou seja, nas entrelinhas do *Martín Fierro*, Hernández procura persuadir a alta classe social de Buenos Aires de que deve parar de matar gaúchos, de que não deve marginalizá-los, mas sim integrá-los a vida produtiva do país, porque o gaúcho é uma mão de obra qualificada e barata.

A primeira parte do poema conta sobre o gaúcho que vivia e trabalhava em sua terra, com sua família e, um bom dia, é recrutado pelo exército e é enviado a lutar contra os índios; a partir desse momento, narra a vida do gaúcho na fronteira (como soldado) e transparece que o gaúcho realiza tarefas inúteis, isso fica evidente na seguinte passagem: “(...) *¡Y qué indios, ni qué servicio;/ Si allí no había ni cuartel!/ Nos mandaba el coronel/ a trabajar en sus chacras (...)*”. (HERNÁNDEZ; p. 22). Estes versos denunciam o abuso de poder dos generais e a corrupção existente nas fronteiras, observe-se: “(...) *He visto negocios feos/ a pesar de mi ignorância (...)*”. Por outra parte, além do poema ser uma obra que volta um olhar para o gaúcho como um sujeito totalmente marginalizado e explorado, também lança um parecer acerca dos índios e dos imigrantes; Hernández mediante o Martín Fierro manifesta a ideia de que o índio não serve para o país e deve, portanto, ser exterminado; o índio, segundo o poema, não serve porque rouba, mata, entra nas populações e as queima, etc. (neste sentido a obra se fundamenta nos discursos que justificaram o genocídio das comunidades indígenas da Argentina, que representou a segunda etapa da conquista de América, liderada pelo general Roca na década de 1880); com respeito aos imigrantes a obra também transluz uma visão pejorativa posto que fica em evidencia que estes não sabem nada sobre o trabalho no campo. Segundo o próprio Martín Fierro, para trabalhar no campo existe o gaúcho, não os imigrantes que não sabem sequer montar um cavalo: “(...) *Yo no sé porqué el gobierno/ Nos manda aquí a la frontera/ Gringada que ni siquiera/ sabe atracar a un pingo (...) No hacen más que dar trabajo/ pues no saben ni ensillar;/ No sirven ni pa carniar (...)*” (HERNÁNDEZ; p. 40-41). É importante considerar que montar a cavalo na Argentina do século XIX era um dos valores do homem argentino, de modo que homens que não sabem a arte de cavalgar, de realizar as tarefas do campo, são totalmente inúteis e obsoletos. Nesse aspecto Hernández emite uma clara mensagem: o gaúcho é o homem que deve ser preservado e integrado à sociedade.

O poema além das críticas assinaladas faz referencia a pobreza em que o gaúcho vive e sua situação “(...) *El anda siempre juyendo./ Siempre pobre y perseguido;/ No tiene cueva ni nido,/ Como si fuera maldito;/ Porque el ser gaucha... ¡barajo!;/ El ser gaucha es un delito. (...)*” (HERNÁNDEZ; p. 58). Aqui fica palpável a marginalidade deste tipo social e sua condição inexorável; está implícita a miséria que experimenta o gaúcho que, primeiramente, é tirado de seu lugar que é o campo para ser levado à fronteira a lutar e que, depois do fracasso, fica na extrema pobreza e no desamparo. É notável, portanto, não apenas a situação do gaúcho, mas a condição do pobre, uma condição humana de pobreza. Segundo Feimann o Martín Fierro é um poema imortal, justamente, porque não apenas é uma literatura que destaca uma situação política e histórica, mas sim é uma obra que nasce de uma situação

particular e consegue expressar a condição humana, neste caso, o poema expressa a dor, a pobreza e a marginalidade do homem pobre. Nesse sentido, seguindo Hernández, o fato de ser pobre é um delito, o pobre está condenado por sua condição, tanto que Martín Fierro acaba sendo um desertor, depois um assassino e, precisamente, por estar condicionado em sua marginalidade declara a guerra à civilização que o destrói, nos seguintes versos é apreciável: “(...) *¡Yo juré en esa ocasión/ ser más malo que una fiera! (...)*” O protagonista desde sua condição de bárbaro vai se defendendo da civilização do progresso e acaba fugindo para a fronteira, numa espécie de exílio, da já aludida violenta e letrada civilização.

Até aqui tem se realizado uma breve exposição da primeira parte do Martín Fierro, a segunda, em grande medida, é um conselho de obediência ao gaúcho, ou seja, nas entrelinhas se pode interpretar que, o protagonista, manifesta que a classe social gauchesca, antes marginalizada, já foi integrada à sociedade e sua tarefa, desse ponto em diante, é trabalhar. É possível resumir esta parte como uma busca de integração, de pacificação em que o Martín Fierro, ao voltar da fronteira, afirma: “(...) *Debe trabajar el hombre/ Para ganarse su pan;/ Pues la miseria, en su afán/ De perseguir de mil modos,/ Llama en la puerta de todos/ Y entra en la del haragán. (...)*” (HERNÁNDEZ; p. 118). Desta forma é que Hernández aconselha o gaúcho à boa maneira em que deve pagar os direitos que tem conquistado em sua trajetória como marginalizado da sociedade. O final do Martín Fierro apresenta uma visão conformista em que o gaúcho deve trabalhar e (em grande medida) ser explorado para poder ser aceito e viver feliz. O poema encerra com os versos: “*Sepan que olvidar lo malo/ También es tener memoria*”, este final que se apresenta como conformista, mas, simultaneamente, conclui com a esperança de que a Argentina seja uma terra capaz de acolher a todos.

Esta breve análise do poema servirá somente para considerar a postura de Hernández como escritor e reacionário às políticas que vigoravam na época em que Buenos Aires se construía numa constante dicotomia entre civilização e barbárie, concedendo um valor de inferioridade ao campo, ao interior e suas populações. O poema reflete o contexto histórico posto que denuncia uma situação da qual esse homem do campo era vítima. Por outra parte, é importante considerar que Hernández destaca o gaúcho não num âmbito jocoso como em várias ocasiões este tipo foi representado; contrariamente despoja o gaúcho de estereótipos e mostra sua condição como trabalhador, como um homem que sofre, que abre seu caminho, não amparado numa civilização, mas sim independentemente, marginalizado, a partir de suas estreitas possibilidades. Demonstra também a filosofia de um sujeito ignorante (da sapiência euro-centrista), mas culto em seus afazeres e produtor de uma sabedoria relacionada à vida, ao campo, à natureza; tanto que Martín Fierro realiza em mais de uma ocasião afirmações graves

contra o sistema governamental, assim como também, trata de temas abstratos, relacionados à existência, a filosofia, etc. sua sabedoria se constitui a partir de sua experiência e de sua profunda relação com a natureza.

3. Borges y “*El Martín Fierro*”

Logo da breve abordagem realizada, tanto da biografia de Jorge Luis Borges, como de José Hernández, assim como também, do poema de sua autoria, cabe passar ao estudo do ensaio que é objeto de estudo. Borges em *El Martín Fierro* (2008) desenvolve, primeiramente, uma síntese da história da poesia gauchesca e destaca com maior veemência o modo como surgem os *payadores* e escritores dessa literatura. Ressalta que no século XIX o gaúcho nada tinha de estranho frente à sociedade, posto que tudo na Argentina era, majoritariamente, campo, a cidade de Buenos Aires era pequena e o gaúcho habitava em seus subúrbios ou na campanha e em pouco tempo os homens da cidade como também os do campo se integraram para lutar nas Guerra da Independência, Guerra com o Brasil e Guerras Civis, respectivamente. A literatura gaúcha, pode se dizer que nasce, das *payadas* do campo (uma tradição oral) espontânea. Posteriormente, com a convivência e identificação entre os homens da cidade e os do campo surge uma escritura (produção artística) da poesia gauchesca e esta passa a ter um caráter mais oficial e se caracteriza por possuir uma linguagem rústica e coloquial. Os principais precursores dessa literatura, segundo Borges, foram Bartolomé Hidalgo, Ascasubi e Estanislao del Campo, estes escritores formam parte de uma tradição que, em grande medida caricaturava o tipo social gaúcho, desde sua produção ao tentar forjar uma linguagem que não era a natural, até a caracterização desse homem que, por momentos é figurado com tom jocoso como em *Fausto*, por exemplo.

É importante ressaltar que Borges ao realizar um levantamento sobre a literatura gauchesca está falando de uma tradição que não se limita somente a Argentina, posto que, como ele mesmo cita, os uruguaios também entram nessa vertente, assim como também o Estado do Brasil Rio Grande do sul (que não é citado por Borges, talvez pela fronteira linguística), mas é uma literatura que também estava em convergência, um claro exemplo é João Simões Lopes Neto (1865–1916), escritor que também traz a tona em sua produção o conflito entre as produções orais e a escritura de tal literatura, além de explorar a vida do homem do campo, suas dificuldades, suas tradições, sua forma de ver a vida, sua filosofia, etc. É importante, nesse viés, destacar que a tradição gauchesca é um fenômeno que nasce e se expande nessa região sul (que envolve três países) e prolifera além das fronteiras geográficas e linguísticas. Do mesmo modo, nasce a literatura gauchesca e, provavelmente, o

Martín Fierro seja a obra cânone de dita tradição, tanto por sua forma de plasmar o gaúcho, sua vida, suas vicissitudes, quanto por sua popularidade em toda a região sul-rio-platense.

Borges cita como críticos do Martín Fierro a Ricardo Rojas e a Lugones e materializa que aquele procura as origens da literatura gauchesca nos *payadores* e que, este, de modo diferente, faz um exame sobre os escritores letrados que foram de algum modo inventando artifícios a serem atribuídos ao gaúcho, assim como também, procuraram dar uma cor localista para caracterizar essa literatura. Frente a estas duas abordagens que, de formas diferentes, constituíram uma tradição gauchesca, Borges afirma que nasce o Martín Fierro, como uma obra original, não pertencendo, especificamente, a nenhuma das duas tradições, mas sim como um produto, em certa medida, reacionário a tais vertentes, Borges manifesta que: *a obra de Hernández é reaccionaria pero no mucho*. O que significa que evita cair na repetição, tanto localista e caricaturista, que a tradição letrada tinha lhe conferido à criação gauchesca, quanto à simples produção espontânea que caracteriza a produção das *payadas*. Em tal sentido, o Martín Fierro fala de sua condição, de sua dor e se constitui não como uma personagem abstrata ou localista com sua forma já acabada, mas diferentemente, o protagonista ganha vida; de modo que vai sofrendo suas peripécias e se conduz por caminhos tortuosos, aos quais está condenado por sua condição, mas mesmo assim, demonstra sua profundidade como homem sofredor e impotente, que abre seu caminho com sua faca, posto que é o único “bem” ou pertença que tem para se defender do mundo avassalador.

Borges ainda destaca que no início o Martín Fierro é impessoal, é um gaúcho genérico ou, também, uma representação de todos os gaúchos, mas pouco a pouco o protagonista vai tomando forma e vai se constituindo, característica que lhe assegura a existência e transcendência ao longo da tradição literária e das gerações leitoras. Outro aspecto importante a ser destacado é que Borges mostra a influencia que teve Lussich na obra de Hernández. Aquele tinha produzido um poema titulado *Los tres gaúchos orientales* no qual apresenta um tom diferente ao da tradição gauchesca preexistente, como por exemplo, o de Ascasubi ou o de Bartolomé Hidalgo, ou seja, Lussich antecipa o tom de Hernández; a obra *Los tres gauchos orientales* apresenta três gaúchos uruguaios que narram as *patriadas* que realizaram e seus feitos não se limitam a fatos históricos, abundam em manifestações autobiográficas e em queixas. Segundo Borges este é o verdadeiro pre-figurador do poema de Hernández, posto que Lussich, era seu amigo e enviou-lhe um exemplar que foi elogiado por aquele. Como destaca Borges: “(...) Lussich crea a Hernández, siquiera de un modo parcial, y es creado por él. (...)” (2008; p. 29). Precisamente, o tom em que a *payada* autobiográfica de Martín Fierro é apresentada marca o fator de diferença com relação à tradição gauchesca anterior, posto que

esta permeada de queixas e bravuras – totalmente – alheias à medida tradicional dos *payadores* e das produções dos escritores que buscavam permeiar de localismos suas obras.

Em seguida Borges realiza uma apresentação biográfica de Hernández e destaca a intenção política do poema: “(...) Hernández escribió para denunciar injusticias locales y temporales, pero en su obra entraron el mal, el destino y la desventura.” (2008; p. 40). Esta afirmação é determinante, posto que demonstra um fator que torna o poema imortal e transcendente na tradição literária como conformador de um cânone, pois Hernández, por trás de sua motivação política e militante, conseguiu plasmar um conflito da condição humana que transpassa o tempo e as circunstâncias históricas, já que plasma a temática da pobreza do homem, de sua marginalidade, justamente por estar preso ao destino do desamparo, por permanecer enredado na desventura de sua classe, por viver condicionado ao seu próprio mal de ter nascido em suas circunstâncias.

Na sequência Borges realiza uma síntese e análise do poema, seu estudo se detém em comparações com os anteriores escritores que conformam a tradição gauchesca, sendo estes Ascasubi, Estanislao del Campo, Bartolomé Hidalgo e Lussich. Um aspecto importante que Borges destaca é a condição do protagonista:

Fierro, que era un paisano decente, respetado de todos y respetuoso, ahora es un vagabundo y un desertor. Para la sociedad, es un delincuente, y ese juicio general hace que lo sea, porque todos propendemos a parecernos a lo que piensan de nosotros. La vida de frontera, los sufrimientos y la amargura han transformado su carácter. A ellos se agrega la influencia del alcohol, vicio entonces común en nuestra campaña. La bebida lo vuelve penderciero. (2008; p. 51).

Esta afirmação demonstra as mudanças que o protagonista experimentou: era um homem de bem, um *paisano* decente e devido à própria sociedade civilizada que o leva à fronteira (o governo acaba com sua família, com sua condição de cidadão), se torna um desertor, devido às péssimas condições de vida e a inutilidade que essa vida de “soldado” implica, logo é um vagabundo e delinquente. Sua condição só tende a piorar porque, como diz Borges tende a se parecer ao juízo que lhe é atribuído. Fierro é um homem que se transforma ao longo da narrativa, no início é um matreiro e acaba por ser um assassino, mas não deixa nunca de ser um injustiçado e, precisamente, o fato de não ser apenas uma coisa só o enriquece, ou seja, não é apenas um gaúcho, é um homem imerso em sua condição de gaúcho, caracterizado pelo bem e pelo mal, poroso em seus defeitos e virtudes.

Outro ponto importante é quando, no enfrentamento com os soldados, o Sargento Cruz, ao ver Fierro lutar com tanta bravura, alia-se a ele e juntos fogem. Borges afirma que a decisão de Cruz de desertar se deve a que nessas terras o indivíduo nunca se sentiu protegido

pelo Estado, ou seja, não havia uma identificação, o Estado era sempre o órgão repressor que explorava os pobres e desamparados. Num resumo grosseiro pode se afirmar que o serviço na fronteira tem tornado Fierro, primeiro, num vagabundo, segundo, num criminal, e terceiro, num matreiro que foge da vida civilizada e procura amparo entre os bárbaros, posto que fogem para o outro lado da fronteira.

A segunda parte como afirma Ezequiel Martínez Estrada, Fierro já não é um rebelde, a volta do Martín Fierro é, como mencionado no capítulo anterior, o momento do conselho, da integração, da conformidade e, em certo modo, da resignação de sua condição. Outro ponto interessante que Borges assinala é que Hernández, diferentemente da tradição gauchesca (anterior a ele) que procurava enfeitar as obras com cores localistas, muito pouco faz referências ao campo e as paisagens. O poema está permeado por acontecimentos e sentimentos que caracterizam e constituem o protagonista, as passagens que referem ao paisagismo são poucas e sutis, não descreve o pampa e sua riqueza radica, justamente, nessa escassez de detalhes, o homem do campo sente o campo mas não o vê. Outro ponto que enriquece a obra é que Fierro e o irmão do negro morto que aquele assassinou, no fim da segunda parte, no momento da *payada* começam a indagar sobre temas que estão além do mundo gauchesco que os constitui e se desafiam *payando* sobre temas abstratos e filosóficos como, por exemplo, o tempo, a distância, a medida, etc. Esta instância da obra uma característica realista e profunda que permite apreciar a riqueza e a magia das personagens, não são caricaturas, são personagens que ganham uma vida própria, que pensam por si, que sentem a vertigem e a dureza da existência; as personagens no *Martín Fierro* não são apenas uma sequência de palavras, mas são como a vida, surgem num misterioso processo e esta é a mágica característica que as torna imortais.

Posteriormente, Borges realiza um levantamento sobre os críticos que tem abordado o *Martín Fierro*, entre eles estão, como já mencionado, Ricardo Rojas e Leopoldo Lugones. Borges destaca, deste dois críticos, que o primeiro afirma que o Martín Fierro é: uma *payada* rústica que deve ser considerada como uma voz da natureza que transparece as dificuldades e vicissitudes da vida do gaúcho que luta contra a terra virgem e se enfrenta a um sistema social injusto e rudimentar, Rojas manifesta, portanto, que levar a vida entre o enfrentamento das forças fatais e a fé em si mesmo é a grande empresa dos gaúchos e, não só gaúchos mas do povo argentino também. Por outra parte, Lugones atribui ao Martín Fierro um estatuto de epopeia e chama-o desse modo de livro nacional do argentinos, posto que contém o genoma da argentinidade e descreve a vida pastoril do país, assim como também, as características de bravura e autenticidade do gaúcho, homem preparado para viver e enfrentar as asperezas da

vida do campo. Sob este ponto de vista, o gaúcho é um indivíduo capaz de se adaptar a realidade que o circunda e sobreviver a ela, sua capacidade de adaptação lhe permite um amadurecimento, tanto que o Martín Fierro da volta não é o mesmo da partida, estes traços permitem interpretar que é um sujeito que, mesmo marginalizado e excluído consegue se construir em meio da barbárie civilizatória que caracteriza a civilização ocidental e suas políticas de Estado. Portanto, o Martín Fierro, segundo Lugones, representa o típico homem argentino que se constrói na adversidade de sua condição de subjugado aos poderes governamentais vigentes.

Além dessas análises críticas que são as que Borges assinala com maior ênfase, cita também interpretações de Clixto Oyuela e Menéndez y Pelayo, entre estes cabe destacar o comentário do primeiro que atribui que o assunto deste poema não é propriamente de caráter nacional e que trata de dolorosas vicissitudes da vida de um gaúcho nos últimos anos do século XIX frente a uma organização social que o aniquila. Por sua vez, Menéndez y Pelayo interpreta o *Martín Fierro* como um homem que se enfrenta a um mecanismo social que comprime seus ímpetos e o lança à vida livre do deserto, não sem que o protagonista sinta nostalgia de sua vida civilizada. Conforme as interpretações expostas, é possível notar que os comentários críticos reunidos por Borges coincidem numa mesma ideia: a de que Martín Fierro (o gaúcho em geral) representa um tipo social (o homem do interior, com pouca escolarização, que trabalha no campo, etc.), situado numa determinada situação histórica que é segregado de um sistema social excludente e repressivo.

É importante destacar que Borges, como sintetizado acima, realiza um levantamento de vários estudos críticos e os considera para formar sua própria interpretação sobre o poema e, com respeito ao estatuto de epopeia que reclama Lugones, aquele não concorda e cita que o Martín Fierro é épico sem necessariamente ter de ser uma epopeia. Em todo caso, Borges argui que deveria ser – desconsiderando o acidente de estar escrito em versos – uma novela, posto que este gênero procede à epopeia; ainda afirma que esta definição é a única que pode transmitir pontualmente o prazer que proporciona sua leitura e que esta nomenclatura coincide sem estranhamento com a época em que foi escrito o poema que, casualmente, é o século novelístico por excelência, sendo este o mesmo de Dickens, Flaubert e Dostoievski. Ainda Borges explicita que a épica requer perfeição em suas características e que a novela, diferentemente, vive em sua imperfeição e complexidade.

Finalmente Borges realiza uma breve conclusão da obra, na qual afirma que a riqueza literária do *Martín Fierro* radica em expressar um homem que as futuras gerações não gostariam de esquecer; dito de outra forma, transparece que uma das funções da arte é criar

personagens que possam ser admiradas por suas peripécias, por suas dores, por sua coragem ou bravura; mas personagens, enfim, imperfeitas, sempre com alguma fragilidade que consigam demonstrar que o homem nasceu para sofrer. Estes homens fictícios que não sentem medo desse sofrimento, que tem o valor para enfrentar a dor e experimentar, com inocência, as modestas e singelas felicidades da vida, metaforizam a realidade humana, comovem quem os lê, proporcionam ao receptor da arte o prazer de experimentar, segundo Schiller, o sentimento confuso de sofrimento e prazer no sofrimento. Ainda, Borges expõe que o que possibilita que as obras de arte sobrevivam ao tempo é a capacidade que estas têm de aceitar diversas interpretações; neste sentido, Hernández criou uma personagem que é e continuará sendo criado por todas as gerações, devido a sua capacidade de expressar uma condição humana inerente ao homem quando se fala de pobreza, de dor ou marginalidade.

4. Juízo geral:

Neste artigo se procurou realizar uma breve análise sobre qual é a visão que Borges apresenta sobre a obra Martín Fierro de José Hernández, para tanto, se buscou, primeiramente, realizar uma breve apresentação da biografia de Jorge Luis Borges e destacar sua importância como escritor e pensador do século XX. Nesse âmbito, se tentou expor sua relevância como um escritor que produziu uma literatura rica em sua conjuntura ficcional, estética e filosófica. Num segundo momento, se abordou a vida de José Hernández e, posteriormente, sua obra com o objetivo de examinar sua produção, independentemente, da interpretação de Borges. Neste sentido foi possível considerar o aspecto político do poema, como uma produção que procurava denunciar uma situação de injustiça local e temporal do homem da campanha argentina. Também se ressaltou que se trata de um poema da queixa, da dor e da marginalidade. Segundo afirma Borges, no sentido da queixa, Hernández tinha o propósito de escrever um folheto político em versos e surgiu um poema; poema este, que Hernández desconsiderou como obra poética, focando, particularmente em sua intenção política; do mesmo modo, seus contemporâneos, também ignoraram o valor literário do poema, que só foi percebido com posterioridade. Não obstante isso, é importante levar em consideração que Hernández ao conhecer o mundo gauchesco desde sua juventude experimentou a vida campeira e quando escreveu, o fez com propriedade das injustiças e das adversidades que enfrentava o gaúcho em seu trabalho cotidiano e sacrificado. De modo que, sua finalidade era transparecer a vida miserável do gaúcho, sua marginalidade e desamparo, objetivo, diga-se de passagem, muito bem atingido. Nesta perspectiva Hernández contraria os escritores de tradição gauchesca que, até então, tinham utilizado a figura do gaúcho para escrever em tom

burlesco, valendo-se de sua ignorância, ou utilizando uma linguagem que imitava este tipo e ao mesmo tempo limitava a produção literária a uma caricatura, tanto no âmbito da apresentação localista do espaço, tanto na imagem do homem gaúcho.

No terceiro capítulo se procurou expor a visão de Borges sobre o *Martín Fierro* e foi possível notar que realiza uma síntese da literatura gauchesca; a qual configura o berço para o poema em análise, fruto dessa tradição. Borges resume o modo em que os fatores da *payada* espontânea e da produção escrita da literatura gauchesca contribuíram como marcos norteadores de Hernández que produz uma obra no limiar dessas duas tendências. Nesse aspecto Borges demonstra que Hernández se nutriu das duas tradições para criar um estilo novo, em nada espontâneo, mas sim que considera essa instancia, pois quem protagoniza a história é um *gaucho payador* que com sua vigüela conta sua história e cantando se consola. Por outro lado, a forma em que escreve a realidade desse homem, inicialmente difuso e genérico, é “vanguardista” posto que utiliza um estilo em nada convencional porque não repete seus antecessores. Hernández escreve numa entoação de dor, com um léxico rústico e conta as peripécias da vida de seu protagonista que, uma vez que foi arrancado de sua terra, de sua família para ir lutar contra os índios e servir os coronéis, passa a se degradar e sua degradação é fruto do sistema Estatal as época que busca exterminar os gaúchos.

A interpretação que Borges plasma sobre o *Martin Fierro* permite esmiuçar que se trata de uma obra canônica dentro da tradição da literatura gauchesca, justamente, por representar um homem desterrado de seu lugar, um homem no limiar entre a fronteira da barbárie e da civilização, que vive o que lhe acontece, sem uma reflexão profunda das atitudes que comete, – derivadas das arbitrariedades da lei que vigorava na época –. Nesse sentido, *Martin Fierro* é um homem dentro de um mundo hostil, no qual é vítima de sua condição, a qual força-o a delinquir, posto que dentro do quadro social pré-existente, é rotulado como um homem bárbaro que só pode se defender da civilização, não amparado num código civil, mas apenas com suas próprias mãos; realiza, portanto, a única justiça que está ao seu alcance que é a ditada por seu próprio parecer, o qual se limita a seu entendimento e natureza de homem não civilizado e excluído de sua terra.

Por fim, é possível concluir que Borges em seu ensaio possibilita uma abertura interpretativa do *Martín Fierro*, com isto abre ocasião de pensar que o poema em sua totalidade apresenta, entre a ida de *Martín Fierro* para a Fronteira e sua volta um sujeito, primeiramente, rebelde, conflitivo, e que em sua volta é exemplar e sábio; passa ao longo de sua experiência e de suas peripécias do desejo de guerra e de desafio a uma busca pela paz e integração. O poema é rico por essas características que mostram um homem que se agita

entre a rebeldia e a adaptação, entre a fuga e a integração, entre o heroísmo e o plebeísmo, ou seja, entre a fronteira de ser um conjunto de ambiguidades. As características contraditórias do Martín Fierro lhe dão profundidade ao protagonista e constituem assim uma personalidade em nada fetichista, mas sim realista e conturbada. Por outra parte é importante destacar o traço que Borges assinala sobre a tradição gauchesca já que esta envolve, além das fronteiras argentinas, o mundo uruguaio e o do sul do Brasil, neste sentido, a literatura gauchesca é uma tradição que transpassa as fronteiras territoriais, linguísticas e culturais. Portanto, a fronteira mencionada no Martín Fierro adquire uma importância maior, posto que, em seu contexto histórico e político ir à fronteira significava, não apenas guerrear contra os índios, mas cuidar o espaço territorial de possíveis invasões por parte dos demais países. Considerando estes aspectos, a fronteira passa a ser um espaço de acolhimento do gaúcho, viver com os índios poderia ser melhor que viver numa civilização, ou talvez, traspasar a fronteira poderia representar encontrar um mundo com o qual este tipo se identificasse, posto que além da fronteira havia outros *gauchos*, gaúchos, guasca, gaudérios, paisanos, como ele, que compartilhavam sua mesma forma de ver e interpretar o mundo, de trabalhar e sentir a vida, e frente aos quais, não seria visto como um estranho.

Referências

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *El “Martín Fierro”*. Alianza Editorial. Palacio Real. Madrid. 2ª Reimp. 2008.

HERNÁNDEZ, José. *El gaucho Martín Fierro*. Resúmenes, análisis biografía; profesor universitario Antonio Ardea Garilan. Colección de oro del estudiante; Dirección editorial: Profesor Ernesto Livacic G. Sociedad Comercial y Editorial Santiago Limitada. Patrocinado por Shell. Impreso en Editorial Lord Cochrane S. A. – Chile (s/a).

_____. *La vuelta de Martín Fierro*. Resúmenes, análisis biografía. Antonio Ardea Garilan. Colección de oro del estudiante; Dirección editorial: Profesor Ernesto Livacic G. Sociedad Comercial y Editorial Santiago Limitada. Patrocinado por Shell. Impreso en Editorial Lord Cochrane S. A. – Chile (s/a).

MAESTRO; Jesús G. *Ficción y Literatura*. Blog destinado a la exposición y difusión de la obra científica académica y editorial de Jesús G. Maestro. Disponível em: <<http://jesus-g-maestro.blogspot.com.br/2015/01/idea-y-concepto-de-ficcion.html>>. Último acesso em: 26 de fev. de 2018.

_____. *Presentación de la Crítica de la Razón Literaria en la Universidad de La Rioja*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bVNfzslkkw>>. Último acesso em: 26 de fev. de 2018.

MOSÉ, Viviane. O homem que sabe: do homo sapiens a crise da razão. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.